



<b>Módulo 6: Sala de aula universitária: "espaço de aprendizagem"</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária</u></li> </ul>	
	<b>Técnica - AED.</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceito de técnicas.</li> <li>• Técnicas usadas em aula - sobre vídeo.</li> </ul>	
	<b>Técnicas:</b> Vídeo com discussão, grupos em trios e AED.
<b>Leitura referente ao módulo 6 - Repensando a aula</b>	
	

**Texto do módulo 6**

**ATIVIDADES PEDAGÓGICAS.  
NO COTIDIANO DA SALA DE AULA UNIVERSITÁRIA -  
Reflexões e sugestões práticas.  
Prof. Dr. Marcos T. Masetto**

Abordar o tema das "Atividades Pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária" nos leva a refletir sobre quatro pontos: a questão da qualidade do ensino de graduação, o conceito de "sala de aula universitária", características do ensino e da aprendizagem universitários e, por fim, que tipos de atividades se podem desenvolver.

É um tema complexo, mas que se apresenta com grande apelo para os professores universitários, uma vez que a maior parte de suas atividades docentes estão girando em torno da sala de aula, e as perguntas mais freqüentes que ouvimos se referem a “como realizar nossas aulas de um modo diferente?”.

## I - Sala de Aula Universitária e Qualidade do Ensino de Graduação.

Qualidade nos Cursos de Graduação é um dos primeiros objetivos que temos em vista. O nosso trabalho docente que, muitas vezes, pode nos parecer relativamente fácil porque o encaramos como uma oportunidade de comunicar aos outros nossos conhecimentos e experiências, merece séria revisão quando nos damos conta de que hoje a qualidade da formação do profissional exige muito mais de nossos alunos que apenas uma reprodução das informações que ele recebeu em aula.

A luta que se vem travando para se elevar o nível de qualidade do ensino de graduação exige que nossos alunos aprendam a reconstruir o conhecimento, descobrir um significado pessoal e próprio para o que está aprendendo, relacionar novas informações com o conhecimento que já possui, com as novas exigências do exercício de sua profissão, com as necessidades atuais da sociedade onde vai trabalhar.

Nossos alunos precisarão aprender a iniciação à pesquisa e aos trabalhos científicos, a fazer investigação de caráter básico, a socializar estes conhecimentos, a desenvolver competências e atitudes que lhes permitam analisar e discutir criticamente a ciência e suas soluções para os problemas da humanidade como hoje se apresentam, e a tomar decisões com responsabilidade de profissionais competentes e cidadãos.

Melhoria de qualidade nos cursos de graduação só ocorrerá quando os nossos alunos conseguirem assumir o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais para o profissional de hoje,

como as que apresentamos acima. E a aula universitária pode se tornar uma situação privilegiada disto acontecer.

Condição básica será a de que se modifique completamente o que se entende hoje por "aula" e o que "se faz" durante a mesma.

## II - Conceito de sala de aula universitária

Tradicionalmente, a sala de aula nos cursos de ensino superior tem se constituído como um espaço físico e um tempo determinado durante o qual o professor transmite conhecimentos e experiências aos seus alunos. Poderíamos dizer que se trata de um tempo e espaço que privilegia a ação do professor, cabendo ao aluno atividades como "copiar a matéria" , ouvir as preleções do mestre, fazer perguntas e, no mais das vezes, repetir o que o mestre ensinou. É verdade que temos também as aulas práticas, ora demonstrativas quando o professor assume um papel de mostrar como é o fenômeno, ora de aplicação, por parte dos alunos, de conceitos aprendidos nas aulas teóricas.

Compreender a aula como espaço e tempo de aprendizagem por parte do aluno modifica completamente este quadro. Com efeito, sala de aula é espaço e tempo durante o qual os sujeitos de um processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para juntos realizarem uma série de ações (na verdade inter-ações) como, por exemplo, estudar, ler, discutir e debater, ouvir o professor, consultar e trabalhar na biblioteca, redigir trabalhos, participar de conferências de especialistas, entrevistá-los, fazer perguntas , solucionar dúvidas, orientar trabalhos de investigação e pesquisa, desenvolver diferentes formas de expressão e comunicação , realizar oficinas e trabalhos de campo.

Este conceito de aula universitária faz com que ela transcenda seu espaço corriqueiro de acontecer: só na universidade. Onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa buscando atingir intencionalmente objetivos definidos aí encontramos uma "aula universitária". Assim, tão importante como a sala de aula onde se ministram aulas teóricas na universidade e os laboratórios onde se realizam as aulas práticas, são os demais locais onde, por exemplo, se realizam as atividades profissionais daquele estudante: empresas, fábricas, escolas, posto de saúde, hospital, fórum, escritórios de advocacia e de administração de empresas, casas de detenção, canteiro de obras, plantações, hortas, pomares, instituições públicas e particulares, laboratórios de informática, ambulatórios, bibliotecas, centros de informação, exploração da internet, congressos, seminários, simpósios nacionais e internacionais, pois em todos eles se pode aprender significativamente o exercício competente e cidadão de uma profissão.

Além disto, estes "novos" espaços de aula, porque envolvem a realidade profissional do professor e do aluno, são muito mais motivadores para a aprendizagem, muito mais instigantes para o exercício da docência. Trata-se de situações reais que são complexas, exigem integração de teoria e prática, são cheias de imprevistos, exigem inter-relação de disciplinas e especialidades, desenvolvimento de competências e habilidades profissionais, bem como atitudes de ética, política e cidadania. E por esta mesma razão são preferíveis aos espaços tradicionais de aula.

Esta mudança de conceito de "aula universitária" é fundamental para melhorarmos a qualidade de formação profissional de nossos alunos.

### III - Características do ensino e da aprendizagem universitários.

A concepção de aula universitária de que falamos, ressalta ainda mais a percepção de que as atividades pedagógicas em aula universitária só adquirem seu pleno sentido quando se reportam aos princípios básicos do ensino e da aprendizagem; pois, não se trata de modismos ou de mudar por mudar, para ser diferente. Trata-se de buscar atividades pedagógicas que sejam mais eficientes e mais eficazes para colaborar com a aprendizagem de nossos alunos e melhorar a qualidade de nossos cursos de graduação.

Vamos, então, recordar algumas características básicas da aprendizagem no ensino universitário.

1. A aprendizagem universitária pressupõe, por parte do aluno, aquisição e domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas de forma crítica. Iniciativa para buscar informações, relacioná-las, conhecer e analisar várias teorias e autores sobre determinado assunto, compará-las, discutir sua aplicação em situações reais com as possíveis conseqüências para a população, do ponto de vista ambiental, ecológico, social, político e econômico.

Faz parte desta aprendizagem adquirir progressiva autonomia na aquisição de conhecimentos ulteriores, desenvolvendo a capacidade de reflexão e a valorização de uma formação continuada, que se inicia já na universidade e se prolongará por toda a vida. Só que esta valorização não se fará com advertências apenas. Exige atividades que permitam ao aluno aprender como se faz efetivamente esta formação continuada.

2. Integrar o processo ensino-aprendizagem com a atividade de pesquisa tanto do aluno como do professor. O aluno começar a se responsabilizar por buscar as informações,

aprender a localizá-las, analisá-las, relacionar as novas informações com seus conhecimentos anteriores, dando-lhes significado próprio, redigir conclusões, observar situações de campo e registrá-las, trabalhar com esses dados e procurar chegar a solução de problemas...

Difícilmente o aluno incluirá a investigação em seu processo de aprendizagem se o professor também não o fizer em sua atividade de docente: isto é, se o professor não aprender ele também a atualizar seus conhecimentos através de pesquisas, de leituras, de reflexões pessoais, de participação em congressos...

Faz parte desta docência com pesquisa escrever artigos e trabalhos que reflitam as reflexões pessoais do professor e suas contribuições para alguns dos assuntos de sua área e permitam uma comunicação em revistas, em capítulos de livros, em trabalhos de congressos, em apostilas que possibilitem um debate e uma crítica de seus pares ou mesmo de seus alunos sobre eles.

3. Toda aprendizagem para que realmente aconteça precisa ser significativa para o aprendiz, isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo: idéias, inteligência, sentimentos, cultura, profissão, sociedade.

Este processo exige:

- a) que a aprendizagem do novo se faça de forma a integrar o universo de conhecimentos, experiências e vivências anteriores dos alunos ;
- b) que se dê importância a motivar e interessar o aluno pelas novas aprendizagens com uso de estratégias apropriadas. Muitos entendem que este aspecto esteja ultrapassado e que no ensino universitário já não tenha sentido se falar e muito menos se preocupar com a motivação dos alunos, porque já são adultos e a motivação deve partir

deles mesmos. Grande engano! Trabalhar com a motivação de aprendizes em qualquer idade e tempo é exigência básica para que a formação continuada possa se efetivar, inclusive conosco mesmos. Só aprendemos coisas novas quando nos apercebemos que elas têm um interesse especial para nós mesmos;

- c) que incentive a formular perguntas e questões que de algum modo digam respeito ao aprendiz , que lhe interessem;
- d) que permita ao aprendiz entrar em contato com situações concretas e práticas de sua profissão, e da realidade que o envolve;
- e) que o aprendiz assuma o processo de aprendizagem como seu e possa fazer transferências do que aprendeu na universidade para outras situações profissionais .

4. A aprendizagem se realiza mais facilmente e com maior compreensão e retenção quando acontecem nos vários ambientes profissionais, fora de sala de aula, do que nas aulas tradicionais, porque coloca o aprendiz mais em contato com a realidade.

5. Teoricamente, hoje, há um consenso de que "Aprender a aprender" é o papel mais importante de qualquer Instituição Educacional. O que me parece imprescindível destacar é que "aprender a aprender" é mais do que uma técnica de como se faz. É a capacidade do aprendiz de refletir sobre sua própria experiência de aprender, identificar os procedimentos necessários para aprender, suas melhores opções, suas potencialidades e suas limitações, e, então, a partir daí desenvolver o próprio processo e aprendizagem, no ritmo

próprio, de forma contínua, sempre explorando as próprias competências.

6. O aprendiz é o sujeito do processo de aprendizagem. Assim sendo, no ensino universitário levar em conta a real situação do alunado, conhecer suas aspirações, identificar os conhecimentos e carências que possui, convocá-los para serem protagonistas no processo de aprendizagem e parceiros com o professor e com os colegas na busca da formação humana e profissional que se pretende, é fundamental.

Defende-se a mudança de postura do Professor "Ensinante" para o Professor "que está com" o aluno para que ele possa aprender; mudança do papel de transmissor de informações para o de mediador pedagógico junto aos alunos; mudança do "fazer sozinho" para um trabalho em equipe, onde professor e alunos são os agentes/parceiros e co-responsáveis nas ações de aprendizagem.

IV - Atividades Pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária.

Tendo refletido sobre a importância de se procurar melhorar a qualidade no ensino de graduação de nossas universidades, sobre o atual conceito de aula universitária e alguns princípios básicos do processo de ensino e aprendizagem na universidade, cabe por fim a reflexão que nos aponte para caminhos e recursos que permitam que estes objetivos possam ser alcançados, que passemos de considerações teóricas para ações práticas que criem condições para que a aprendizagem na universidade se faça conforme princípios acima indicados, e o nível de qualidade dos cursos de graduação se eleve. Assim, entendemos que o papel das atividades pedagógicas possa ser o de se apresentar como caminhos e recursos para atingirmos nossos objetivos educacionais, portanto:

1. A primeira atividade a ser realizada é o plano da disciplina, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem na universidade é intencional e contextualizado, quer dizer, estamos reunidos, professores e alunos, para buscarmos juntos uma formação competente e cidadã em determinada área profissional. Temos objetivos claros a serem atingidos. Precisamos de um plano de ação que nos permita chegar com sucesso ao que se pretende.

A forma tradicional de se chegar no primeiro dia de aula e apresentar de forma pronta o plano da disciplina sem discussão, debate e valorização dele, e sem que o plano seja significativa para o aluno, poderá ser mudada, a partir do princípio de se procurar envolver o aluno no processo de aprendizagem e procurar despertar seu interesse e motivação pela disciplina desde o primeiro dia de aula. Como?

No primeiro encontro com os alunos, iniciar o contato deixando claro que o sucesso daquela disciplina vai depender de um trabalho em equipe entre professor e alunos, um trabalho de parceria e co-responsabilidade e que irá começar naquele mesmo instante, quando, o grupo classe vai se manifestar sobre quais são suas expectativas sobre a disciplina, o que já ouviram falar sobre ela, que comentários de colegas ouviram, o que pensam que vão estudar e para que serve aquela disciplina.

Quais nossos objetivos com esta atividade? Envolver os alunos com a disciplina, criarmos espaços para podermos explicar nossa disciplina e procurar que eles se interessem por ela. Vamos gastar tempo com isto, mas ganharemos depois quando nossos alunos se mostrarem motivados para aprender o que pretendemos que aprendam.

Para este primeiro encontro poderemos usar algumas técnicas como a tempestade cerebral, as discussões em pequenos grupos, quando a classe for muito numerosa, o próprio desenho em grupo, quando os pequenos grupos são convidados a

colocar em uma cartolina, não usando palavras escritas, mas outras formas de comunicação (desenho) suas idéias sobre a disciplina a partir de uma questão relevante que o professor apresente para todos. Em seguida, estes desenhos são apresentados e o professor vai reunindo deles os elementos necessários para sua explicação inicial sobre sua disciplina.

Juntamente com os alunos, o professor procurará conversar sobre os objetivos da disciplina, os conteúdos que serão estudados e suas relações com outras disciplinas e com a formação profissional que se pretende, quais as estratégias que serão usadas, qual será a bibliografia, e como será o processo de avaliação, de tal modo que ao final os alunos assumam com o professor que aquele plano de trabalho realmente é interessante para eles e se comprometam em levá-lo para frente.

A continuidade deste primeiro encontro deverá ser o cumprimento do que foi combinado no encontro seguinte e nos demais, para que os alunos entendam que o que se fez no encontro anterior não foi apenas uma conversa sem consequência. A confiança se conquista a partir daqui.

2. Antoni Zabala em seu livro "A Prática Educativa" (1998-pp. 58) traz um capítulo intitulado: "As seqüências didáticas e as seqüências de conteúdo" e dentro dele apresenta uma seqüência de aula que me pareceu muito coerente com tudo o que vimos comentando, e por isso, tomo agora a liberdade de resumidamente reproduzi-la aqui.

Diz o autor que uma seqüência de aula poderia ser esta:

- Apresentação pelo professor de uma situação problemática relacionada com um tema, destacando aspectos importantes e para a qual se procura uma solução científica.
- Os alunos individual ou coletivamente, orientados pelo professor, procuram possíveis respostas nos seus

conhecimentos, para a situação ou apresentarão dúvidas, perguntas, questões.

- Indicação de fontes de informação: orientados pelo professor, os alunos propõem fontes de informação mais apropriadas para cada questão e problema levantado: o próprio professor, uma pesquisa bibliográfica, uma experiência, uma observação, uma visita a uma situação real, uma entrevista, um trabalho de campo.
- Busca da informação: os alunos individuais ou coletivamente, orientados pelo professor realizam a coleta de dados e informações das diferentes fontes indicadas e selecionadas. Selecionam, organizam e classificam o resultado desta coleta de dados.
- Resposta para a situação problemática. Juntos os alunos, socializando as informações obtidas, procuram resolver a questão debatendo-a com os colegas, com o professor, aprofundando aspectos teóricos, desenvolvendo a habilidade de aplicação das teorias às situações concretas.
- Generalização das conclusões e síntese. Com as contribuições do grupo, o professor faz uma síntese do problema, das possíveis e diversas soluções e de suas aplicações.

Evidente que este não é o único esquema de aula. Há outros muitos e este mesmo pode sofrer inúmeras adaptações. O que interessa no momento é que possamos visualizar uma seqüência de atividades pedagógicas que poderão ocorrer em aula universitária e que permitem a participação do aluno como sujeito do processo de aprendizagem, sua parceria com o professor e os colegas na aula, uma atitude de participação ativa buscando informações, dando significado a elas, comparando-as com seu mundo intelectual, que lhe permitem o

desenvolvimento de uma habilidade de integrar teoria e prática, encontrar solução para um a situação concreta e aprender atitudes e valores importantes a serem considerados quando de uma atuação profissional.

3. Ao pensarmos em atividades pedagógicas, uma organização de atividades que vêm imediatamente à nossa mente é aquela que se refere a atividades pedagógicas que o aluno realiza individualmente e as que realizam coletivamente.

Individualmente são atividades que o aluno realiza pessoalmente, em geral como base ou preparação para atividades pedagógicas coletivas: leituras, levantamento de informações, estudos de autores ou teorias, visitas a campos de trabalho, estágios, estudo de casos, redação de textos, entrevistas.

Estas atividades individuais são fundamentais para aprendizagem e para a participação nas atividades coletivas, nas quais a aprendizagem avança sobre o resultado do trabalho individual, mas, que só de fato avançará se a atividade individual for realizada.

O que estamos querendo dizer é que atividades pedagógicas coletivas não substituem pura e simplesmente as atividades individuais de aprendizagem, mas também que só a aprendizagem individual é precária quando temos objetivos mais amplos do que apenas adquirir informações e repeti-las. Partir de atividades pedagógicas individuais para atividades pedagógicas coletivas visando os objetivos mais amplos e mais complexos de formação universitária.

Dentro de nossas preocupações com o envolvimento dos alunos no seu processo de aprendizagem, ao planejarmos atividades pedagógicas individuais será importante nos determos em alguns aspectos. Por exemplo:

- ao fazermos indicações de leituras para próxima aula , cuidarmos de que o tamanho do texto seja possível de ser lido de uma semana para outra, ou de uma aula para outra; e que o texto seja pertinente e atualizado com relação ao tema estudado;
- procurar que cada solicitação de leitura seja acompanhada de uma atividade diferente orientada pelo professor que possa motivar o aluno para a leitura e para a atividade que será realizada em aula com o material produzido fora de sala de aula . Assim, posso solicitar que numa semana os alunos leiam um texto e façam dele um resumo; em outra, que leia respondendo algumas questões; numa terceira que leia levantando perguntas ou dúvidas para serem discutidas ou esclarecidas no encontro seguinte; em outra oportunidade ler identificando argumentos da teoria exposta e apresentando sua reflexão pessoal fundamentada sobre eles; outra vez para tentar resolver um caso; e assim por diante. Deste modo, a atividade de leitura não fica apenas como "uma lição de casa" sem consequência, mas uma preparação para as atividades que serão realizadas em aula com o professor e outros colegas;
- este é um ponto importante a se pensar quando se propõe uma leitura fora de classe: que atividade será realizada com a leitura feita e o material produzido e o que farão os alunos que não tiverem realizado a leitura e se preparado para a aula. A resposta me parece clara: ter planejado atividades pedagógicas coletivas que dêem continuidade em aula ao estudo individual, mas que só serão realizadas pelos alunos que tiverem realizado a atividade individual como preparação para elas. Os alunos que não tiverem feito a leitura

deverão fazê-lo no primeiro momento de aula, individualmente, e separadamente dos demais, preparando-se para a seqüência das demais atividades. Depois de preparados poderão participar das demais atividades. Os alunos perceberão a importância do trabalho individual para participação no coletivo, o que significa ter respeito ao outro quando de uma participação em grupo, e a própria atividade coletiva deixa de ser um "bate papo entre amigos", para se tornar uma atividade séria de construção de conhecimento e de aprendizagem;

- o levantamento de informações para projetos de intervenção ou de pesquisa, supõe que se tenha muita clareza, quanto ao objetivo desses projetos e bem definida as fontes onde se fará a coleta de informações, e como elas serão usadas quando em aula integrando-se ao material coletado pelos outros colegas . Explicar como se coletam os dados, como se organizam os dados e como deverão ser comunicados em aula;
- estudo de teorias ou autores visa um aprofundamento teórico , e então as atividades individuais deverão preparar o aluno pra outras atividades em aula que lhe permitam realizar esse aprofundamento teórico : poderão ser atividades coletivas , em pequenos grupos de estudo; ou com um painel integrado pelo qual cada um dos tópicos escolhidos pelo professor tem seu estudo realizado em primeiro lugar por um grupo pequeno e ,em seguida , todos os assuntos são estudados por todos os alunos, fazendo-se um cruzamento entre os membros dos diferentes grupos de tal forma que , em cada novo grupo tenhamos representantes de todos os outros primeiros grupos, e portanto, de todos os assuntos discutidos. O

aprofundamento poderá ser feito também com um debate com o professor, ou com um especialista, ou com o professor e outros professores de outras disciplinas, quando for o caso. Em todas estas situações, entretanto, é fundamental o estudo pessoal para que se aproveite da oportunidade de aprofundamento teórico e esta atividade não se transforme apenas em uma aula expositiva na qual o aluno vai ouvir falar pela primeira vez no assunto;

- visita a campos de atividades profissionais, estudo de casos, estágios, entrevistas como atividades pedagógicas individuais supõem que os alunos tenham clareza quanto aos objetivos da atividade proposta, e além, disso que se preparem para coletar o material necessário, organizando um roteiro de observação, e de entrevista, um registro adequado da observação no campo, e das respostas obtidas se for entrevista, organização dos dados obtidos e redação desses dados para sua comunicação aos demais colegas;
- redação de textos é uma atividade que se propõe ajudar o aluno a aprender a se comunicar por escrito com outras pessoas sobre seus conhecimentos e de forma sintética, lógica, coerente, com argumentação fundamentando suas posições. Isto vai exigir que estes textos recebam um feedback levando em consideração estes aspectos e não apenas se o conteúdo está correto ou não.'
- Prática clínica, prática didática, atividades em laboratórios, em manequins, em laboratórios de informática são outras tantas atividades pedagógicas individuais.

Atividades pedagógicas coletivas são profundamente diferentes de atividades individuais, porque envolvem um grupo de pessoas trabalhando de forma diferente que o indivíduo, com objetivos e regras diferentes, e com resultados esperados também diferentes. Mas porque tanta diferença?

Em primeiro lugar, precisamos ter clareza de que qualquer atividade pedagógica coletiva deve trazer contribuições mais significativas e mais avançadas que as produzidas pelo indivíduo isolado. Portanto, um primeiro princípio a ser observado: atividade pedagógica coletiva não é para apenas se justaporem colaborações individuais. Para isto não precisamos dessas atividades. O mínimo que se espera é que um grupo, além de tomar conhecimento das colaborações dos seus participantes possa discuti-las, analisá-las, e com este debate avance os estudos e questões colocados para resultados que transcendam aqueles já apresentados pelos participantes.

São exemplos de atividades pedagógicas coletivas: seminário, excursões, atividades em grupos as mais diversas como G.O G.V , painel integrado, grupos de oposição, pequenos grupos de formular questões ou solucionar casos , projetos.

Seminário entendido como atividade que se compõe de dois momentos: o primeiro no qual pequenos grupos realizam uma pesquisa sobre um determinado tema proposto pelo professor, pesquisa esta que é orientada pelo professor, que deverá seguir todos os passos de uma pesquisa: coletar dados, organizá-los, analisá-los e produzir um trabalho conclusivo com características de um trabalho científico. Mas, observe-se bem: estes procedimentos além de atividades individuais preparatórias deverão ser realizados coletivamente, de tal forma que se aprenda a pesquisar e produzir conhecimento de forma coletiva. Observe-se que, esta pesquisa vai consumir de dois a três meses de trabalho fora de sala de aula, orientada pelo professor, enquanto o plano da disciplina prossegue. O

resultado desta pesquisa poderá ser socializado entre os colegas de classe de diversas maneiras: distribuindo-se cópias, fazendo-se apresentações, organizando-se pôster, etc.

Mas, para que possamos falar de seminário, há que se realizar o segundo momento: marca-se uma data, na qual se fará uma mesa redonda coordenada pelo professor, sobre um novo tema que não tenha sido diretamente pesquisado por nenhum grupo, mas para cuja discussão todos os grupos de pesquisa dispõem de dados. O professor escolhe de cada grupo de pesquisa um representante que durante a discussão do novo assunto deverá trazer contribuições a partir de seu grupo de pesquisa. Com isso, após a mesa redonda, temos um novo tema estudado e debatido a partir de dados de pesquisa, com produção coletiva.

Excursões ou visitas a campos de trabalho profissional podem ter seu tempo coletivo na preparação do roteiro de observação pelo grupo, e no debate dos dados obtidos pela excursão ou visita.

G.O.G.V. ou Grupo de Observação e Grupo de Verbalização: dois círculos concêntricos na sala, um com 5 ou 6 elementos que discutirão um tema por tempo determinado, não maior que 20 minutos e outro maior (o restante do grupo classe) que no primeiro momento observará a discussão e no segundo momento passará a debater, ficando o primeiro como observador do debate. Realizada a primeira discussão que é observada pelo grupo maior, em seguida, este grupo completa, corrige, debate o que foi trabalhado levando a frente à discussão.

É o tipo de atividade pedagógica que serve tanto para introduzir um assunto, explorando as experiências pessoais dos alunos, ou seus conhecimentos primeiros sobre um assunto, como para debater um caso ou um assunto sobre o qual já se leu anteriormente.

Painel integrado, já comentado anteriormente, quando tratamos do estudo de teorias ou autores.

**Grupos de oposição:** atividade coletiva muito interessante para ajudar os alunos a desenvolver sua habilidade de argumentação e estudo dos fundamentos das teorias. Formam-se grupos que estudem e apresentem argumentos pró e contra determinada teoria ou princípio, debatendo um tema, discutindo um caso, resolvendo uma situação, resolvendo um problema, sempre apresentando argumentos que justifiquem a decisão de cada grupo.

Pequenos grupos para formular questões. Divide-se a turma em pequenos grupos de 5 componentes cada um. Tais grupos, num tempo de 10 minutos, elaboram duas ou três questões relevantes para o estudo de um assunto. Cada grupo encaminha suas perguntas a um outro grupo que terá 10 ou 15 minutos no máximo para estudar as questões e respondê-las por escrito. Nos próximos 10 minutos, um segundo grupo estuda as mesmas questões, analisa as respostas do primeiro grupo, corrige o que acha que está errado e completa as respostas e passa essas perguntas para um próximo grupo, e assim por diante até que pelo menos quatro grupos estudem as perguntas formuladas. Após esse giro, as questões voltam ao grupo que as formulou que deverá analisar as respostas recebidas e dar a sua resposta final que será encaminhada a plenário. Trata-se de uma atividade coletiva que permite o desenvolvimento de objetivos de conhecimento, de habilidades e de atitudes.

Projetos, sem dúvida, uma das mais completas e envolventes atividades pedagógicas coletivas. Elaboração de um projeto sempre está relacionada a uma situação profissional, a uma situação real. O grupo de alunos poderá identificar uma situação problemática, descreve-la, levantar perguntas, fazer o diagnóstico do problema, levantar aspectos teóricos que merecem estudos e aprofundamentos, levantamento dos

procedimentos a serem realizados, implementá-los, buscar solução para as questões, enfim resolver o projeto definido.

Trabalhar com projetos é uma forma muito especial de se desenvolver tanto o ensino com pesquisa, como se experimentar uma situação de uma equipe de trabalho profissional que se reúne para desenvolver um projeto em uma firma ou em uma empresa ou em uma instituição. Tais situações exigem equipe, exigem o coletivo, exigem saber trabalhar em grupo, partilhar idéias e sugestões, respeitar idéias dos outros, colaborar, por vezes, desprender-se de suas próprias idéias em prol de uma proposta melhor.

4. Outro conjunto de atividades pedagógicas que hoje já começam a fazer parte do cotidiano da sala de aula universitária se refere à mídia eletrônica que no dizer de Moran "é prazerosa - ninguém obriga que ela ocorra; é uma relação feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial... Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades... educa enquanto estamos entretidos. Imagem, palavra e música integram-se dentro de um contexto comunicacional de forte impacto emocional, que predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens." (Moran, 2000, pp.33-34)

A mídia eletrônica envolvendo o computador, a telemática, a internet, o "chat", o e-mail, a lista de discussão, a teleconferência pode colaborar significativamente para tornar o processo e aprendizagem mais eficiente e mais eficaz, mais motivador e mais envolvente. Ela rompe definitivamente com o conceito de espaço "sala de aula" na universidade para afirmar sua existência desde que haja professor e aluno estudando, pesquisando, trocando informações, em qualquer tempo, tendo entre eles apenas um computador.

Os recursos eletrônicos facilitam a pesquisa, a construção do conhecimento em conjunto ou em equipe, a intercomunicação

entre alunos e entre estes e seus professores. Apresentam um novo modo de se fazer projetos, de simular situações reais, de discutir possíveis resultados ou produtos esperados, de analisar diversas alternativas de solução. Facilitam grandemente o contato com especialistas através de e-mails ou teleconferências.

Embora saibamos que estas metodologias estão mais voltadas para encaminhar problemas de educação à distância, no entanto, elas podem auxiliar também em nossas aulas presenciais tornando-as ainda mais dinâmicas e interessantes.

5. Não poderíamos encerrar estas reflexões sobre as atividades pedagógicas em sala de aula universitária sem nos referirmos a uma outra atividade pedagógica que é fundamental desenvolvermos em nossa docência: chama-se avaliação.

Com efeito, não entendemos a avaliação como uma atividade que tem por finalidade apenas medir e controlar os resultados de um processo de aprendizagem, verificar o que foi aprendido e fazer um julgamento sobre os resultados.

Avaliação para nós é em primeiro lugar a capacidade de se refletir sobre o processo de aprendizagem, buscando informações (feedback) para nossos alunos que os ajudem a perceber o que estão aprendendo, o que está faltando, o que merece ser corrigido, o que é importante ser ampliado ou completado, como ele poderá fazer melhor isto ou aquilo, e em poucas palavras, avaliação é a capacidade de motivar nossos alunos para desenvolverem seu processo de aprendizagem.

A avaliação será contínua, a respeito do desempenho do aluno, do professor e adequação do programa. Poderá ser considerada como a grande atividade pedagógica, pois ela acompanha todas as demais atividades, incentiva o aluno a progredir e realizar cada vez melhor as atividades subseqüentes.

Por isso tem sentido desenvolver-se a auto-avaliação, quando o próprio aluno aprende a diagnosticar: o que aprendeu, quais são suas dificuldades no processo e quais são suas capacidades que lhe facilitaram aprender. Estas percepções o ajudarão por toda a vida.

As próprias técnicas avaliativas podem servir apenas para medir resultados de um processo, e então, nenhuma contribuição para a aprendizagem pode trazer. Mas, elas podem ser trabalhadas como verdadeiras situações e oportunidades de aprendizagem, quando são analisadas pelos alunos, quando os alunos podem estudar a partir delas, quando o professor explora todas as possibilidades de aprendizagem que cada técnica pode oferecer e não apenas se o conteúdo está certo ou errado. Com cada técnica avaliativa o aluno pode aprender a adquirir conhecimentos, desenvolver algumas habilidades e atitudes. Por exemplo, a prova discursiva pode ajudar o aluno a aprender a fazer síntese, ser lógico, escolher argumentos, adquirir clareza de redação, assim por diante. Uma prova com consulta ajuda o aluno a resolver um caso, a escolher as fontes adequadas para delas retirar informações que lhe faltem. Comentários escritos em relatórios, resenhas, sínteses, relatórios de grupos oferecem novas oportunidades de aprender, e assim por diante.

Para encerrar estas reflexões: partindo de minhas experiências pessoais como docente e das experiências que conheço de muitos colegas, professores universitários, vejo-me na obrigação de fazer um depoimento: sempre que desenvolvemos atividades pedagógicas com as preocupações de criar melhores condições para a aprendizagem dos alunos, conseguimos motivar os alunos para o estudo das disciplinas, envolvê-los com sua formação profissional e tornar significativo para eles o curso de graduação, e como conseqüência elevar o nível de qualidade do mesmo.

A socialização destas mesmas experiências mantém nossa esperança de que outros colegas se sintam motivados a ousar também, a modificar sua ação como docentes e a contribuir para a elevação do nível de qualidade dos cursos de graduação das Universidades: o efeito imediato se fará sentir na formação de profissionais atualizados, competentes e cidadãos.

Leitura referente ao módulo 6
-------------------------------

## DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA - REPENSANDO A AULA

Prof. Dr. Marcos T. Masetto.

Professor Titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

### INTRODUÇÃO.

Em geral, nós professores universitários consumimos grande parte do tempo de nossas atividades em sala de aula, e, ao menos, teoricamente estamos sempre a nos interrogar como poderiam ser mais bem aproveitadas estas aulas pelos nossos alunos. Ao mesmo tempo em que nos perguntamos, vem à nossa lembrança um conjunto de técnicas que poderíamos usar, de que ouvimos falar algum dia, mas que não achamos serem tão importantes quanto o domínio do conteúdo para o exercício da docência. E, em geral, nossas preocupações se voltam mais uma vez para alguma especialização conteudística.

Ao nos preocuparmos com melhorar a docência, não podemos nos esquecer que por detrás do modo de lecionar existe um paradigma que precisa ser explicitado, analisado, discutido afim de que a partir dele possamos pensar em fazer alterações significativas em nossas aulas.

### I - Que paradigma é este? Como ele se manifesta?

A grande preocupação no Ensino Superior é com o próprio ensino, no seu sentido mais comum: o professor entra em aula para transmitir aos alunos informações e experiências consolidadas para ele através de seus estudos e atividades profissionais, esperando que o aprendiz as retenha, absorva e reproduza por ocasião dos exames e provas avaliativas.

Esta preocupação se apóia em três pilares:

- na organização curricular que privilegia disciplinas conteudísticas e técnicas, estanques e fechadas, transmitindo conhecimentos próprios de sua área, nem sempre em consonância perfeita com as necessidades e exigências do profissional que se pretende formar naquele curso;
- na constituição de um corpo docente altamente capacitado do ponto de vista profissional, com Mestrado e Doutorado em sua área de conhecimento, mas nem sempre com competência na área pedagógica, pois, o importante para ser professor é dominar com profundidade e atualização os conteúdos que deverão ser transmitidos;
- em uma metodologia, que, em primeiro lugar deve dar conta de um programa a ser cumprido, em determinado tempo, com a turma toda; por isso mesmo, uma metodologia que se esgota em 90% das atividades em aulas expositivas; e a avaliação se realiza como verificação, em determinados momentos, da apreensão ou não dos conteúdos ou práticas esperados.

Neste paradigma, o sujeito do processo é o professor, uma vez que ele ocupa o centro das atividades e das diferentes ações: é ele quem transmite, quem comunica, quem orienta, quem instrui, quem mostra, quem dá a última palavra, quem avalia, quem dá a nota. Sua grande e constante pergunta é: que devo ensinar aos meus alunos? E o aluno como aparece? Como o elemento que segue, receptor, assimilador, repetidor. Ele só reage em resposta a alguma ordem ou pergunta do professor.

Pode parecer que exagero nesta descrição. Mas, se olharmos com objetividade nossas aulas, vamos verificar que, se não tudo, pelo menos grande parte do que aqui descrevo acontece.

Por isso, disse acima, para repensar a aula é fundamental rever o paradigma que sustenta seu esquema atual, e propor outro paradigma. Qual?

O paradigma que propomos é substituir a ênfase no ensino pela ênfase na aprendizagem. Simples troca de palavras? Não.

Quando falamos em aprendizagem estamos nos referindo ao desenvolvimento de uma pessoa, e no nosso caso, de um universitário nos diversos aspectos de sua personalidade:

- desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensar, de raciocinar, de refletir, de buscar informações, analisar, de criticar, de argumentar, de dar significado pessoal às novas informações adquiridas, de relacioná-las, de pesquisar e de produzir conhecimento;

- desenvolvimento de habilidades humanas e profissionais que se esperam de um profissional atualizado: trabalhar em equipe, buscar novas informações, conhecer fontes e pesquisas, dialogar com profissionais de outras especialidades dentro de sua área e com profissionais de outras áreas que se complementam para realização de projetos ou atividades em conjunto, comunicar-se em pequenos e grandes grupos, apresentar trabalhos. Quanto às habilidades próprias de cada profissão, embora saiba que elas são conhecidas dos professores de cada curso e os currículos, em geral, com elas se preocupem, queria lembrar que é importante também fazer uma investigação para se verificar se, de fato, os currículos permitem que todas as habilidades profissionais possuam espaço para aprendizagem , ou se grande parte delas é preterida em função dos conteúdos teóricos;
- desenvolvimento de atitudes e valores integrantes à vida profissional : a importância da formação continuada, a busca de soluções técnicas que , juntamente com o aspecto tecnológico, contemplem o contexto da população, do meio ambiente, as necessidades da comunidade que será atingida diretamente pela solução técnica ou suas conseqüências, as condições culturais, políticas e econômicas da sociedade , os princípios éticos na condução de sua atividade profissional e que estão presentes em toda decisão técnica que se toma. Pretendemos formar um profissional não apenas competente, mas comprometido com a sociedade em que vive, buscando meios de colaborar com a melhoria da qualidade de vida de seus membros, formar um profissional competente e cidadão.

A ênfase na aprendizagem como paradigma para o Ensino Superior alterará o papel dos participantes do processo: ao aprendiz cabe o papel central, de sujeito que exerce as ações necessárias para que aconteça sua aprendizagem: buscar as informações, trabalhá-las, produzir um conhecimento, adquirir habilidades, mudar atitudes e adquirir valores. Sem dúvida, que essas ações serão realizadas com os outros participantes do processo: com os professores e com os colegas, pois, a aprendizagem não se faz isoladamente, mas em parceria, em contato com os outros e com o mundo. O professor terá substituído seu papel exclusivo de transmissor de informações para o de mediador pedagógico ou de orientador do processo de aprendizagem de seu aluno. Donde sua pergunta agora será: o que meu aluno precisa aprender de todo o conhecimento que tenho e de toda a experiência que tenho vivido para que ele possa desenvolver sua formação profissional? O ângulo é outro. A variação foi de 180 graus.

A docência universitária voltada para a aprendizagem também se apóia nos mesmos três pilares indicados acima, só que agora com outros conteúdos. Assim:

- a organização curricular se apresenta integrando atividades e disciplinas que colaboram para a formação do profissional, com o conhecimento sendo tratado de forma integrada; uma organização curricular aberta, flexível, atualizada, interdisciplinar, facilitando e incentivando os mais diversos modos de integrar teoria e prática, universidade e situações profissionais, disciplinas básicas e as profissionalizantes;

- o corpo docente é formado por professores que , além de serem excelentes profissionais , também são pesquisadores em suas áreas específicas de conhecimento e desenvolvem uma formação continuada com relação à competência pedagógica. Professores que se entendem primeiramente educadores, que assumem que a aprendizagem se constrói num relacionamento interpessoal dos alunos com outros colegas, dos alunos com os professores, dos alunos com outros profissionais de sua área, dos alunos com os diferentes locais onde deverá exercer sua atividade profissional. Um corpo docente que assume seu papel de mediador pedagógico entre o conhecimento e seus alunos. Por fim, um corpo docente que entende que a aprendizagem se faz com colaboração, participação dos alunos, com respeito mútuo e trabalhos em conjunto;
- a metodologia busca a redefinição dos objetivos da aula e de seu espaço, o uso de técnicas participativas e variadas e a implantação de um processo de avaliação como feedback motivador da aprendizagem.

E quais as características da aprendizagem no ensino universitário?

- 1. A aprendizagem universitária pressupõe, por parte do aluno, aquisição e domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas de forma crítica. Iniciativa para buscar informações, relacioná-las, conhecer e analisar várias teorias e autores sobre determinado assunto, compará-las, discutir sua aplicação em situações reais com as possíveis conseqüências para a

população, do ponto de vista ambiental, ecológico, social, político e econômico.

Faz parte desta aprendizagem adquirir progressiva autonomia na aquisição de conhecimentos ulteriores, desenvolvendo sua capacidade de reflexão e a valorização de uma formação continuada, que se inicia já na universidade e se prolongará por toda sua vida. Só que esta valorização não se fará com advertências apenas, mas com atividades que permitam ao aluno aprender como se faz efetivamente esta formação continuada.

2. Integrar o processo ensino-aprendizagem com a atividade de pesquisa tanto do aluno como do professor. O aluno começar a se responsabilizar por buscar as informações, aprender a localizá-las, analisá-las, relacionar as novas informações com seus conhecimentos anteriores, dando-lhes significado próprio, redigir conclusões, observar situações de campo e registrá-las, trabalhar com esses dados e procurar chegar a solução de problemas, etc.

Difícilmente o aluno incluirá a investigação em seu processo de aprendizagem se o professor também não o fizer em sua atividade de docente: isto é, se o professor não aprender ele também a atualizar seus conhecimentos através de pesquisas, de leituras, de reflexões pessoais, de participação em congressos. Produção de artigos e trabalhos que reflitam as reflexões pessoais do professor e suas contribuições para alguns dos assuntos de sua área e permitam uma comunicação em revistas, em capítulos de livros, em trabalhos de congressos, em apostilas que permitam um debate e uma crítica de seus pares ou mesmo de seus alunos sobre eles faz parte integrante da docência preocupada com um processo de ensino-aprendizagem integrando atividade de pesquisa.

3. Toda aprendizagem para que realmente aconteça precisa ser significativa para o aprendiz, Isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo: idéias, inteligência, sentimentos, cultura, profissão, sociedade.

Este processo exige:

- f) que a aprendizagem do novo se faça a partir do universo de conhecimentos, experiências e vivências anteriores dos alunos ;
- g) que se dê importância a motivar e interessar o aluno pelas novas aprendizagens com uso de estratégias apropriadas;
- h) que incentive a formular perguntas e questões que de algum modo digam respeito ao aprendiz , que lhe interessem;
- i) que permita ao aprendiz entrar em contato com situações concretas e práticas de sua profissão, e da realidade que o envolve;
- j) que o aprendiz assuma o processo de aprendizagem como seu e possa fazer transferências do que aprendeu na universidade para outras situações profissionais .

4. Porque coloca o aprendiz mais em contato com sua realidade profissional, em geral, a aprendizagem se realiza mais facilmente e com maior compreensão e retenção quando acontecem nos vários ambientes profissionais, fora de sala de aula, do que nas aulas tradicionais.

5. Teoricamente, hoje, há um consenso de que "Aprender a aprender" é o papel mais importante de qualquer Instituição Educacional. O que me parece imprescindível destacar é que

"aprender a aprender" é mais do que uma técnica de como se faz. É a capacidade do aprendiz de refletir sobre sua própria experiência de aprender, identificar os procedimentos necessários para aprender, suas melhores opções, suas potencialidades e suas limitações.

Estas reflexões iniciais procuraram demonstrar que para repensarmos nossas aulas não podemos deixar de analisar e discutir novos paradigmas que as orientarão.

Encerrando estas reflexões sobre o repensar a docência universitária focalizada na transformação da aula no Ensino Superior, pretendo retomar o ponto inicial de nosso diálogo: por detrás do modo como geralmente acontecem as aulas na Universidade há um paradigma de ensino, muito consolidado e estruturado por muitas décadas e que sustentam a docência universitária como ela aparece, e que precisa ser substituído por um novo paradigma que permita e dê fundamentação para as inovações que queremos fazer em nossas aulas.

Só assim poderemos falar de mudar, de dinamizar as aulas, de tornarmos estas "aulas vivas", de tornarmos as aulas um espaço privilegiado de aprendizagem, de formação de profissionais competentes e cidadãos.

Só assim obteremos resposta para uma questão que nos persegue já há algum tempo a nós professores: qual o novo papel dos professores universitários nestes tempos, junto aos jovens alunos que procuram a universidade?

## RECOMENDAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS.

A complementação destes textos e das idéias que ele apresenta poderá ser feita com algumas leituras que recomendo vivamente àqueles que se interessaram por estes assuntos:

1. Zabala , Antoni - A Prática Educativa - ArtMed, Porto Alegre, 1998
- 2 .Perrenoud , Philippe - Novas Competências para Ensinar Art Méd , Porto Alegre,2000
3. Hernández, Fernando - Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de trabalho - ArtMed , Porto Alegre, 2000
4. Moran, J.M., Masetto, M.T. e Behrens, M.<sup>a</sup> - Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica - Papyrus, Campinas/SP , 2000
- 5.Masetto,M. - "Aulas Vivas" - M.G. Ed. - São Paulo ,1992
- 6.Masetto, M.T e Abreu,M.C.\_ O professor Universitário em Aula - M.G. Ed. S.P.11<sup>a</sup>.ed.1999
7. Valente, J. A (Org.)- O Computador na Sociedade do Conhecimento- Unicamp/Nied-Campinas/SP - 1999
8. Castanho, Maria Eugênia (Org.) - Pedagogia Universitária -A Aula em Foco - Papyrus, Campinas/SP - 2000

9. Castanho, Maria Eugênia e Castanho, Sérgio - O Que Há de Novo na Educação Superior - Papyrus, Campinas/SP -2000
10. Benedito, Vicenç et alii - La Formació Universitària a debate - Universitat de Barcelona - Barcelona - 1995
11. Meirieu, Philippe - Aprender...sim, mas como? - ArtMed-Porto Alegre -1998
12. Perrenoud, Philippe - Avaliação - ArtMed.-Porto Alegre - 1999

**Anotações do módulo 6**